

## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PELAS REVISTAS PERIÓDICAS

Márcia Elisa Teté Ramos (UEL)

Devido ao tema de meu projeto de doutorado apresentado no início deste ano (2005) na Universidade Federal do Paraná, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, intitulado “*A disciplina histórica escolar na Revista Nova Escola: 1986-2002*” houve a necessidade de fazer um levantamento buscando os fundamentos teórico-metodológicos que geralmente sustentam as pesquisas que tomam os periódicos educacionais como fonte documental.

Como referência aos primeiros trabalhos sobre o tema, pelo que pude averiguar de maneira geral, vários autores brasileiros tomam Maurits de Vroede, que investiga as revistas belgas dos séculos XIX e XX (1987), Pierre Caspard que elenca revistas francesas do século XVIII a 1940 (1988), Giorgio Chiosso que destaca as revistas italianas da segunda metade do século XVIII (1992) e António Nóvoa que toma a imprensa de educação e ensino portuguesa, séculos XIX e XX (1993). Nessa fase inicial de pesquisa sobre periódicos pedagógicos, destaca-se a tendência “positivista” de tomar períodos muito amplos, realizando uma espécie de catalogação das revistas, classificando-as, descrevendo-as, mapeando seus temas e editoras. Mas deve ser observado que esses trabalhos que localizam, organizam e sistematizam uma vasta produção de periódicos educacionais também são fundamentais para que se oportunize aos pesquisadores o acesso a tais fontes, e nem todos os pesquisadores se restringem apenas à organização de fontes documentais: particularmente Pierre Caspard e António Nóvoa, apesar de lidarem com períodos extensos, buscam tanto organizar/classificar quanto analisar as revistas pedagógicas.

Para António Nóvoa, os impressos educacionais constituem um *corpus* documental essencial para a História da Educação, capazes de apresentar a multiplicidade e diversidade do campo educativo no seu movimento histórico. Argumenta que a análise dos periódicos “*permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema mas também no*

*plano micro da experiência concreta*” (NÓVOA, 2002, p.11) e que devido às características próprias da imprensa, ou seja, a proximidade em relação ao acontecimento, lhe confere o estatuto único de perceber a cultura pedagógica de uma época.

Segundo Denice Bárbara Catani, na revista *Educação* de 1929, publicada em São Paulo, Carlos da Silveira já buscava sistematizar informações sobre a imprensa periódica nacional, principalmente as do final do século XIX. Até aquele momento cinco publicações especializadas oficiais para professores já havia circulado ou estavam circulando, e mais oito de iniciativa privada. Seu estudo “inaugural” funcionava de modo ensaísta e a pesquisa acadêmica sobre as revistas educacionais começa a se fortalecer somente a partir de aproximadamente 1990 (CATANI, 1996).

As pesquisas que em âmbito nacional que podem ser consideradas iniciais em relação às revistas periódicas não tomam grandes períodos, geralmente se analisando uma revista ou um conjunto de revistas de curto espaço de tempo ou de determinada localidade. Entre tais trabalhos pode-se destacar: Marisa Duarte que analisaria a revista *Educando* da Associação de Professores Primários do Estado de Minas Gerais de 1940 a 1945 (1988); Denice Bárbara Catani que escreveria sua tese de doutorado sobre a *Revista de Ensino* da Associação Beneficente do professorado público de São Paulo (1989) e Raquel Pereira Gandini que faria seu doutoramento sobre a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* de 1944 a 1952 (1990).

Denice Bárbara Catani lembra que desde a ANPEd de 1992, se afirmava a necessidade de sistematizar informações sobre as revistas e desenvolver trabalhos a partir da imprensa periódica norteando-se por duas diretrizes: 1) estabelecer uma história serial e repertórios analíticos das revistas, registrando seu ciclo de vida, recorrências temáticas e 2) realizar um estudo “interno” das revistas que daria a dimensão do funcionamento e estruturação do campo educacional (CATANI, 1996, p.117-118).

Seria na 16ª reunião anual da ANPEd em 1993, que a História da Educação através das revistas periódicas de educação apresenta-se de forma mais consolidada. No Banco de Dados da ANPEd, quinze trabalhos sobre revistas foram apresentados até 1997, onde predominam estudos de

revistas oficiais de associações ou órgãos governamentais. A grande maioria destes escritos, embora tenha elegido uma fonte diferente das convencionais, limitam-se à classificação, tiragens, temas mais trabalhados, descrição, ciclos de vida, etc., ou conferem às revistas educacionais o lugar do discurso do Estado (CATANI; FARIA FILHO, 2002). Sobre a *Revista Nova Escola* (RNE), alguns pesquisadores a entendem como uma espécie de “representante direto” das políticas educacionais, bem como objeto midiático que teria o poder de manipular o receptor/professor. Seria um enfoque que muitos denominam “reprodutivista”, já que as revistas educacionais então “reproduziriam” os interesses dos governantes. Entretanto, a nosso ver, não são todas as análises que estabelecem relações entre uma revista educacional e as políticas públicas que podem ser pensadas sendo “tradicionais” diante do uso agora mais recorrente da Nova História Cultural na História da Educação. No caso da RNE, podemos destacar Martha Lourenço Vieira (1995), Leda Aparecida Pedroso(1999) e Gina Glaydes Guimarães de Faria (2002) que nos trazem importantes contribuições no que diz respeito às interlocuções entre esse periódico e o espaço político-educacional.

Em paralelo com uma escrita designada “positivista” ou “reprodutivista” ainda presentes, se buscarão novas abordagens, tomando principalmente Roger Chartier e Michel de Certeau como referência, assim como Foucault para se trabalhar o discurso presente nas revistas educacionais. Martha Lourenço Vieira mudará o foco de sua pesquisa acompanhando as mudanças que vêm ocorrendo no campo da História da Educação com “*O Trabalho do Autor na Construção do Leitor na Revista Nova Escola*”, ou seja, da ênfase das políticas educacionais para o discurso como “modo de endereçamento” elaborado para criar “efeitos de verdade” (VIEIRA, 1998).

Afrânio Catani, Decice Catani e Gilson Pereira apresentam um trabalho na 23ª Reunião Anual da ANPEd posteriormente publicado na Revista Brasileira de Educação concluindo que Pierre Bourdieu seria mencionado em 67% dos artigos pesquisados. Seguindo Chartier, sobretudo o conceito de “apropriação”, esses autores analisam como os artigos brasileiros sobre periódicos educacionais, em especial de vertente marxista, interpretam ou citam Bourdieu, na maior parte das

vezes atribuindo a este um pensamento bem diferente do seu sentido original (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001).

Por sua vez, Bourdieu seria utilizado (apropriado) de forma diferente em pesquisas vinculadas à Nova História Cultural sobre periódicos educacionais. Como por exemplo, Ana Clara Bortoleto Nery, ao tomar o conceito de “campo” para mostrar os embates, a busca de um discurso legitimador de propostas educacionais em três revistas publicadas em São Paulo no período de 1922-1931: a Revista da Sociedade de Educação, a Revista Escolar e a Revista Educação (NERY, 1999).

Segundo Marta Maria Chagas de Carvalho, os estudos em História da Educação pós-1990 sofreram influência da Nova História Cultural, e os pesquisadores foram deslocando seu olhar, dos modelos pedagógicos (leis, regulamentos, preceitos, doutrinas ou sistemas pedagógicos) para os usos diferenciados que se faz dos objetos ou modelos culturais. Associada a essa noção, a autora perspectiva os impressos como objeto de investigação que podem ser vistos como *“dispositivo de normatização pedagógica mas também como suporte material das práticas escolares”* trazendo as marcas tanto de sua produção quanto de seus usos (CARVALHO, 2003, p. 272). Desta forma, os conceitos de Michel de Certeau de “estratégia” e “tática” seriam importantes para compreender as revistas, como dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas correspondentes ao seu lugar de poder (estratégia), e a produção de sentido que se faz a partir de sua utilização (apropriação ou tática). Uma utilização que dependerá de determinados códigos culturais partilhados (representações) que definem comunidades distintas de usuários (idem, p. 273), por isso *“determinar as estratégias políticas, pedagógicas e editoriais que produziram e fizeram circular um impresso é condição necessária mas não suficiente para se dar conta dos usos que dele são feitos”* (Idem, p. 278).

Percebi que em torno de Marta Maria Chagas de Carvalho, configurou-se, através de suas orientações em programas de pós-graduação, um grupo interessado em trabalhar os periódicos educacionais adotando as novas abordagens da História Cultural. Entre vários pesquisadores cito Maria Helena Camara Bastos (1994), Andréa Lopes Dantas (2001), Maurilane Souza Biccas (2001) e

Antônio Donizetti Sgarbi (2001), que tomaram como objeto as revistas educacionais para além de suas teses de doutorado. Quanto ao meu objeto (mas sob outra problemática e abordagem), Maria Lúcia Marrone, com orientação de Marta Carvalho analisará a *Revista Nova Escola* do período de 1986-1995 em tese de doutoramento defendida em 2003.

Em relação ao presente levantamento realizado, aponto de forma breve algumas questões:

1) *quanto ao recorte temporal*. O século XIX é pouco trabalhado no que diz respeito às revistas, mesmo que a primeira revista pedagógica date de 1872 “*A Instrução Pública*”. Maria Helena Bastos realiza um levantamento de revistas de 1808 a 1944, que se não fossem necessariamente pedagógicas, de alguma forma discorriam sobre educação e ensino. Estas revistas são pouco trabalhadas porque nem todas foram conservadas (jornais, revistas e livros didáticos se caracterizam por serem descartáveis) e muitas circularam por pouco espaço de tempo (BASTOS, 2002). A primeira metade do século XX é privilegiada nas pesquisas, em especial as revistas ligadas à Associação Brasileira de Educação e ao movimento da Escola Nova, pois estas traduzem um amplo debate educacional, o processo de escolarização no Brasil, a discussão dos intelectuais sobre os rumos da escola em correlação com aos rumos da sociedade. Os periódicos educacionais de um passado recente são pouco trabalhados, e talvez pelo fato de que os historiadores (não só os historiadores da educação) entendam que a chamada História do Tempo Presente não faria parte da história enquanto campo de conhecimentos, mas da antropologia, da sociologia, da psicologia ou até mesmo do jornalismo. Essa perspectiva pode ser considerada como herdeira da idéia de que o trabalho do historiador corresponderia em decifrar o passado através dos documentos, e que, portanto, estes, somente depois de arquivados poderiam ser interpelados. Também persiste a noção de que, para garantir sua objetividade, o historiador deveria guardar um distanciamento temporal sobre o acontecido, visto que, analisando sua própria época, estaria necessariamente com ela comprometido. Embutida nesse modelo historiográfico estaria a noção de que se deve pesquisar o surgimento, auge e desfecho de um momento histórico, porém, como o pesquisador do presente/contemporâneo estaria no interior deste movimento, não teria como antecipar o desenlace do seu tempo.

2) o *“lugar” de produção das pesquisas*. Percebi que as pesquisas relacionadas às revistas educacionais não se localizam no campo da História, mas do campo da Educação, correspondendo ao fato de que as *“chamadas ciências da educação”* vêm consolidando *“seu estatuto de saber historiográfico especializado”* (CARVALHO, 2003, p. 268) e que, de outro lado, permanece certo *“desvalor”* da História quanto à educação e ao ensino. Entretanto, quando se trata de periódicos contemporâneos os estudos se localizam nos chamados Estudos Culturais. Estes defendem a multireferencialidade em termos teórico-metodológicos, no entanto costumam utilizar-se com mais frequência de Michel de Foucault. Quanto à RNE, por exemplo, Norma Marzola examina o discurso da revista quanto à alfabetização, compromissada com a corrente didático-pedagógica construtivista tida como a mais *“científica”* e *“moderna”* (MARZOLA, 2000). Marisa Vorraber Costa reflete sobre o discurso da revista sobre a profissão do magistério em que se atribui à professora qualidades relacionadas ao que se pensa como sendo naturais do gênero feminino (COSTA, 2000). Como Norma Marzola, Costa também utilizará da noção foucaultiana de *“regimes de verdade”*, para mostrar como a revista tem poder de narrar o outro, de fabricar sua identidade, de subjetivá-lo.

3) o *estudo da história das disciplinas escolares*. Na redefinição do campo da História da Educação, os estudos sobre história das disciplinas escolares vêm crescendo, pautando-se no objetivo de *“identificar a gênese e os diferentes momentos históricos que se constituem os saberes escolares, visando perceber a sua dinâmica, as continuidades e discontinuidades no processo de escolarização”* (BITTENCOURT, 2003, p. 15). Mas constatei que a história de disciplinas específicas não é destacada das revistas educacionais, excetuando a disciplina de *“Educação Física”*, enquanto que outras disciplinas, inclusive a da História (objeto de minha pesquisa) foi investigada por apenas um trabalho, já mencionado, de Maria Lúcia Marrone.

4) *sobre a “apropriação” e a “cultura escolar”*. As pesquisas atuais buscam discutir a cultura escolar, como o cotidiano escolar reelabora, assimila ou transgride saberes provindos de outras instâncias, mas dificilmente chegam a focar como as revistas pedagógicas especializadas ou aquelas destinadas a um grande público (como a RNE) podem interferir (ou não) neste cotidiano.

Embora tenha se banalizado o conceito de “apropriação” ou “tática”, raramente se recorre a outras fontes documentais que possibilitem dar conta dos usos que se faz de uma revista pedagógica. Ao tratar da contemporaneidade, serve-se pouco da História Oral, ou seja, não se busca apreender pelo próprio professor como este se “apropria” de um periódico educacional.

5) *revistas especializadas e revistas da grande circulação*. As pesquisas, de modo geral, se circunscrevem àqueles periódicos educacionais especializados, destinados ao público acadêmico (docentes e discentes), ou seja, escritos pelos acadêmicos para acadêmicos. Os periódicos que podem ser compreendidos como integrantes da “cultura de massa” são escassamente pesquisados, como se estes, resguardando-se a peculiaridade de seus objetivos, destinação, produção e circulação, não nos pudessem fornecer um material que possibilite a investigação sobre a história do campo educacional: informações sobre como é ou prescrições sobre como deveria ser o trabalho do professor; o que se entende como “moderno” em termos de métodos e conteúdos das disciplinas específicas; as tendências didático-pedagógicas privilegiadas; o projeto político embutido nas propostas pedagógicas...

O presente texto expõe um levantamento preliminar que auxiliaria minha pesquisa, desta forma não foi intenção esgotar a totalidade dos artigos, livros, dissertações e teses sobre o assunto, contudo, pude concluir que a história dos periódicos educacionais ainda seria uma vasta área para possíveis investigações, considerando novas/diferentes abordagens e problemáticas, bem como períodos ainda não trabalhados.

### **Referências Bibliográficas:**

BASTOS, Maria Helena Câmara. Apêndice – a imprensa Periódica Educacional no Brasil: de 1808 a 1944. in CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) *Educação em Revista*. A imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *O novo e o nacional em revista: A Revista do Ensino (1939-1942)*. Tese de doutorado. USP, 1994.

BICCAS, Maurilane Souza. *O impresso como estratégia de formação de professores(as) e de conformação do campo pedagógico em Minas Gerais: o caso da Revista do Ensino (1925-1940)*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares; história e pesquisa. In TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus. Aurélio; RANZI, Serlei Maria Fischer, (Orgs.) *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. *Revista Brasileira de Educação*. mai/jun/jul/ago, n. 17, p. 63-85, 2001.

CATANI, Denice Bárbara. A Imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Educação e Filosofia*. n. 10, v. 20, p. 115-130, jul/dez, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educadores à Meia-Luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo 1902-1919*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da USP, 1989.

\_\_\_\_\_; FARIA FILHO, Luciano Mendes. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas na GT História da Educação na ANPEd (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, p. 113-128, jan/fev/mar/abr. 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

DANTAS, Andréa Lopes. *A urdidura da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nos bastidores do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos*. Tese de Doutorado. PUC-SP, 2001.

DUARTE, Marisa Ribeiro Teixeira. *O trabalho de Ensinar: pedagogia para professoras*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 1988.

FARIA, Gina Glaydes Guimarães. *Nova Escola: um projeto político-pedagógico em andamento (1986-2000.)* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2002.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *RBEP (1944-1952): Intelectuais, Educação e Estado.* Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da UNICAMP, 1990.

MARZOLA, N. Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola. In COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

MORRONE, Maria Lucia. *Revista Nova Escola: discursos, representações e prescrições pedagógicas no ensino da História 1986-1995.* Doutorado em Educação, PUC-SP, 2003.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A Sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional.* USP, 1999.

NÓVOA, António. A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e recepção do repertório português. In CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. (Orgs.) *Educação em Revista. A imprensa periódica e a história da educação.* São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

PEDROSO, Leda Aparecida. *A Revista Nova Escola: política educacional na “Nova República”.* Tese de Doutorado. Faculdade de Educação UNICAMP, 1999.

SGARBI, Antonio Donizetti. *Bibliotecas Pedagógicas Católicas.* Tese de Doutorado. PUC-SP, 2001.

VIEIRA, Martha Lourenço. *Construtivismo: a prática de uma metáfora: forma/conteúdo do construtivismo em Nova Escola.* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação UFMG, 1995.

\_\_\_\_\_. O trabalho do autor na construção do leitor na revista Nova Escola. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas. (Org.) *Leituras do professor.* Campinas: Mercado de Letras, 1998.